

De Mães de leite a barrigas de aluguel: a violência ideológica-religiosa contra a pessoa negra

Virgínia Inácio dos Santos. Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: virg_gina@hotmail.com

Resumo

Reflete criticamente os conceitos ideológicos e religiosos que visam à depreciação da pessoa negra. O artigo aborda alguns conceitos ligados à definição do termo negro na sociedade brasileira. Para isso, foca, em primeira mão, as questões históricas, pois, são elas que situarão o leitor e a leitora para entender as origens da atual baixa estima que caracteriza as pessoas negras. Após a análise histórica, procura verificar como o uso dos conceitos ideológicos e religiosos repercute na sociedade em geral, através da literatura, programas de televisão.

Palavras-chave: Mulher negra. Identidade. Teologia. Patriarcado.

From wet nurses to bellies for hire: ideological and religious violence against the black woman

Abstract

In this article we reflect critically on those ideological and religious concepts that aim at depreciating the Black woman, especially those concepts linked to the definition of the term Black in Brazilian society. The article will focus first on historical questions since these prepare the reader to understand the origins of the low self-esteem that presently characterizes Black women. After this historical analysis, we will examine the repercussions which such concepts have on society in general through literature and television.

Key words: *Black women. Identity. Theology. Patriarchy.*

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

A história da África antes do contato com o colonizador tinha um colorido próprio, que foi mudado drasticamente, especialmente, no que tange à identidade da pessoa negra. A colonização é o divisor de águas; antes da entrada do colonizador, a pessoa negra, em África, tinha uma identidade própria. Não era negra, era pessoa. Tinha seu Deus, sua religião, suas culturas, suas línguas, seu início de escrita, sua sabedoria, sua filosofia. Tinha auto-estima e se amava enquanto “ser” feito à imagem e semelhança de Deus. Neste sentido Soares (1988) diz que:

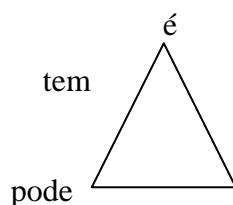
No capítulo dezoito do livro do profeta Isaias temos uma descrição de Cuch (homem negro), que mostra como este povo era visto. Terra dos grilos alados, cortados pelas águas de rios; seus habitantes são experimentados navegadores, em barcos de papiros por sobre as águas, velozes portadores de mensagens a outros povos (embaixadores), gente de alta estatura e de pele lustrosa, sem barba, nação poderosa e ameaçadora (18,1-7). Hiródoto disse serem os mais belos e os mais altos de todos os homens. Eles mesmos apreciam sua cor negra como o grande dom que Deus lhes fez. (SOARES: 1988, p. 36).

O povo africano teve uma auto-estima invejável. Sempre se caracterizou como um povo que muito se amou e revestido de uma vaidade incontestável. Mas com o passar do tempo, esta auto-estima foi transformada em baixa-estima. Isso se deve ao contato com o colonizador que chegou até à África com a ideologia européia de civilização e modelos de beleza que veio transformar o ser negro em nada. Para entender essa situação, elaboramos um gráfico em forma de triângulo para pensar a situação do povo negro; chamaremos de “a brincadeira séria do triângulo”. Essa figura, de acordo com sua posição, apontará uma simbologia que muito nos ajudará no entendimento da questão estudada.

A FIGURA DO TRIÂNGULO

Neste primeiro momento, usamos nesta reflexão a figura do triângulo para representar a pessoa africana. Porque, nas línguas tradicionais africanas existe um termo para falar de pessoa (*Muntu*). Não estamos a falar de mulher (*muhto*) nem de homem (Diala), mas de pessoas (*bantu*). Por isso, fazemos uso da figura geométrica para não incluir nem excluir, mas falar de pessoas. Num segundo momento, usaremos a categoria mulher (*muhto*) para falar da violência contra a mulher negra.

O Triângulo na posição vertical



Para entender esta situação deve-se focar atenção na colonização que tem influência direta na construção da identidade do povo africano. A entrada do colonizador nos países

africanos e o transporte dos negros para o continente americano permitiram que a identidade da pessoa negra passasse a ser extremamente violentada, a ponto de ser extirpada, com o consentimento e ajuda da religião Cristã. Depois dos colonizadores e missionários cristãos terem acabado com a identidade e o orgulho de ser “pessoa negra”, construiu-se uma nova identidade para este ser “negro”. Houve uma inversão de valores na ontologia negra, deixando este de ser entendido como um Ser, passando à categoria de coisa [objeto de satisfação do senhor branco].

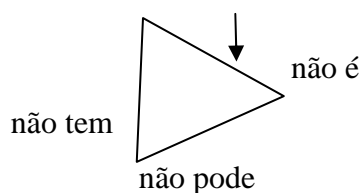
A identidade atribuída ao homem/mulher negro/a deste Ser [transformados em coisa] foi construída em cima do Não-Ser, Não-Ter e Não-Poder. Os “Não Ser” não são claros e bonitos, por isso, não são Seres humanos; os “Não Ter” não têm alma, ciência, filosofia, religião, cultura, história, escrita, isto é, são os não civilizados. E os “Não Poder” não podem obter a salvação, não podem fazer nada de bom.

Frissotti (1994) nos informa que o colonizador utilizou a própria Bíblia, o seu livro sagrado, que era sua palavra de Deus, para legitimar e subjugar o povo negro:

A Bíblia¹ é uma ferida porque não foi neutra. No período colonial, foi chamada como testemunha de que Deus estava do lado do rei, do senhor de escravos, do rico, do bispo, do branco, do homem. Uma ferida e uma ferida mortal que procurou matar a liberdade, a dignidade, a fé e a identidade do povo negro. Aos olhos do homem e da mulher negra, o cristianismo foi o ferro em brasa, a mordaza, as algemas que os mantinham presos no ‘doce inferno’, como era chamado engenho de açúcar. (FRISSOTTI, 1994, p. 7).

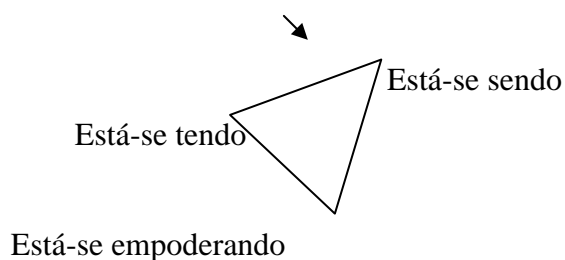
Em meio a todo este processo de expropriação, muito bem elaborado, a situação da pessoa negra ficou reduzida à coisa, sendo que o Ser, ao invés de crescer, decresceu. Tudo que em sua cultura estava em desenvolvimento, como a questão da escrita que decresceu. Houve uma tremenda regressão a ponto zero. Não ser. Portanto, para ser considerado gente “[...] impôs-se uma nova cultura, com seus valores e desvalores, com sua história, seus padrões de beleza, sua idiossincracia. Através da escola, da religião, da cultura ocidental”. Neste contexto, o africano já não parecia oferecer nada do que se orgulhar, assim o afro-americano e o africano “[...] ficaram marginalizados das riquezas da África não só fisicamente mais também culturalmente.” (KING; 1994, p. 19).

Triângulo na posição horizontal



O triângulo, nesta posição, apresenta uma situação complexa de violência. Aponta para uma inversão na história. O povo negro que era sujeito de sua própria história passa a ser um mero objeto da história de outros. O cristianismo fez isso ao apoiar os conquistadores e ao elaborar teologias baseadas em conceitos de não Ser, não ter e não poder, das pessoas negras. Mas o povo que recebeu a influência da religião cristã, nos dias atuais, começa a se apossar desta crença para reverter às teologias do colonizador e elaborar sua própria teologia. Com essa construção teológica vem conseguindo revirar o triângulo, mostrando ao colonizador a incoerência com a qual eles mesmos vivem a sua religião. Portanto, a mesma religião que foi usada para identificar a pessoa negra como uma coisa desprovida de identidade humana, serve, agora, para desmascarar as teologias desumanas e, ao mesmo tempo, ajuda a pessoa negra reelaborar sua identidade.

Triângulo na posição oblíquo



A posição deste triângulo demonstra a situação atual do povo negro. Ele está escrevendo, formulando suas idéias, confrontando os conceitos do colonizador. Tem-se como objetivo firmar-se no resgate de uma identidade que o apresenta com o “sujeito”. Partindo do conhecimento de que o colonizador construiu uma imagem do povo negro para determinar seu lugar na sociedade onde estivesse presente o branco europeu “civilizado” e o negro. A imagem é, portanto, uma construção social oriunda do colonialismo cristão com desejo de dominar e se tornar padrão da humanidade. Mas ainda nos deparamos, hoje, com situações que legitimam e reforçam os conceitos que qualificam o povo negro como inferior aos

brancos. Muitos desses conceitos vêm legitimados pela teologia cristã que foi elaborada pela religião branca eurocêntrica. Afinal, nossa sociedade é considerada cristã e os erros que esta religião cometeu fazem parte da cultura africana.

Focando o triângulo, pode-se ver que as setas têm posições diversas. Elas indicam as forças contrárias que tentam impedir, a todo custo, que a pessoa negra volte a ter a dignidade e a auto-estima que sempre a pertenceu. Na posição oblíqua, a seta representa o meio termo, ou seja, é uma posição que indica que ainda se está em construção. Nela, a pessoa negra não é “ser” nem é “não-ser”, ela “está-sendo”. A seta está pronta a lhe empurrar para baixo, tentando reduzi-la novamente a um não ser. Essa situação pode ser observada em alguns fatos da nossa sociedade que demonstra desinteresse em ajudar as pessoas negras na construção de uma identidade e auto-estima adequada. Veja-se, por exemplo, os termos que ainda são usados nos diversos setores sociais, tais como: humor negro, denegrir e outros. Nota-se que o uso destes termos reforça a Ideologia que sustenta que ser negro equivale a ser mal, ruim, feio, lixo. O enraizamento destas ideologias, teologizadas podem, também, ser comprovados nos nossos famosos dicionários Aurélio e Michaelis.

O dicionário Aurélio define mulher negra como: “[...] mulher de cor preta, escrava, cativa; já o termo masculino e que define a raça, encontramos como, negro: indivíduo de cor preta, indivíduo de raça negra, sujo, encardido. Ainda, dentro das definições do termo negro, encontramos o seguinte, negro: adjetivo preto, sujo, lúgubre.” (NEGRA, 1986. p. 1187).

O Dicionário Michaelis define negra como sendo: mulher de cor preta, escrava, mulher que trabalha muito, mulher que se afadiga e moureja por índole ou necessidade. O negro seria: que recebe a luz e não reflete, preto, escuro, sombrio, denegrido, requeimado do tempo do sol, lutuoso, fúnebre, que causa sombra, que traz escuridão, tenebroso, tempestuoso, tétrico, horrível, Que pertence a raça ou ramo negro, ameaçador, medonho, condenado, maldito, que anuncia infortúnios, funesto, nefasto, pavoroso, horrendo, pervertido, adverso, inimigo [...], escravo, homem que trabalha muito, escuridão e trevas. (NEGRO, 1998, p.) **Michaelis**

Já o Branco, é definido da seguinte maneira: “[...] da cor do leite ou da neve, alvo, cândido, claro, diz-se da raça Caucásica, que é dessa raça [...], pálido, limpo [...]. Sendo que o Caucásico diz-se de uma família de línguas faladas na região do Cáucaso, diz-se da raça branca. O habitante ou o natural do caucásico, antigo padrão de senhor.” (BRANCO, 1998: p. 1447).

Os dois dicionários são recentes; foram elaborados e revisados em época em que a luta da pessoa negra com relação ao respeito e aceitação do seu Ser diferente tem alcançado grandes proporções, mas nos parece que estas correntezas contrárias e muito contrárias à

nossa luta impedem com que possamos mudar com maior rapidez o estado atual da questão negra.

Com estes tipos de definições existente nos nossos dicionários atuais, quando mudaremos a mentalidade da nossa sociedade com relação a pessoa negra? O que diremos das novas gerações? Quando as crianças negras e brancas forem pesquisar sobre o termo o que ficará em seus conscientes e subconscientes? E os adultos, aqueles que em nada estão interessados em mudar a realidade? O que poderão passar para seus filhos, alunos, colegas e outros?

Estes questionamentos nos levam a pensar em centenas de anos que ainda teremos que passar para que possamos ter uma sociedade onde as diferenças raciais não representem motivos de desigualdades ou de inferioridade das pessoas negras.

Partindo destas reflexões, vemos que a posição oblíqua da seta é muito perigosa; ela demonstra como as forças contrárias são muitas, por isso, temos que estar atentas, porque os senhores ainda precisam de servas e escravas para fazer os trabalhos braçais a um baixo custo. Podemos dizer que esta mentalidade não mudou, porque atualmente dificilmente se fala em descendentes de negros africanos, ou somente de africanos. O que mais ouvimos, ao se referir aos negros é descendente de escravos. Não podemos deixar de refletir o espaço que ocupavam as mulheres negras, porque elas sofrem violências de formas variadas. Além de sofrer a violência e discriminação antropológica também é atingida com a violência pelo fato de ser mulher. Neste sentido, entraremos com a questão de gênero, dentro da nossa reflexão.

A SITUAÇÃO DA MULHER NEGRA

Nos registros da história, no período colonial, a mulher negra aparece como escrava. Era utilizada nos trabalhos pesados para os senhores e as senhoras brancas. Quando deixou de ser legalmente escrava passou a ser símbolo sexual. Mas mesmo em sua condição de escrava também era usada sexualmente pelos seus senhores. Cabia a ela a função de satisfazer os desejos sexuais dos homens brancos. Não podia assumir o papel de esposa do branco. Também, não servia para ser dada em casamento; mesmo que o matrimônio significasse um valor social e religioso.

O que os registros históricos nos deixaram como legado sobre a negra serve para refletirmos a sua atual situação. Elas deixaram de ser “legalmente” escravas, ganharam suas alforrias; isso aconteceu, mas ideologicamente, de uma forma simbólica, ainda continuam “escravas”. Na condição de escrava, as mulheres negras eram apenas meio de satisfação

sexual de grupo social kyriarcal, mas ao engravidar, suas filhas e filhos eram rejeitados e não reconhecidos por terem o sangue negro, isto é, eram mestiças e mestiços. Essa identidade vincula a criança à mãe, assim, filhos e filhas eram caracterizados pela linha matrilinear. Por isso, aumentava o número de filhos “sem” pai. Identificados pelo nome materno, o que não deixou de influenciar nossa cultura brasileira. Hoje, esta violência é, ainda, veiculada de forma simbólica na sociedade.

Vejamos o que mostrou uma novela de grande audiência da Rede Globo de Televisão, em 2002, intitulada “O Clone”. Veja a situação que ocupa a mulher negra e como elas continuam sendo exploradas. São consideradas ignorantes, de forma totalmente desproporcional em relação às mulheres brancas.

Não é nossa intenção fazer uma análise crítica da telenovela, mas apontar como ela passou claramente o conceito pejorativo que tem o termo “negro”. Afirmando que as negras são burras, ignorantes e encardidas.

Vejamos algumas posições apresentadas: há uma personagem que é representada por uma mulher negra, de nome Deusa; esta vai ao consultório médico para fazer uma inseminação artificial, já que seu marido não pode ter filhos/as. O processo de inseminação se concretiza e ela cuida da gravidez até acontecer o parto. Durante algum tempo, o Dr. Albiere, um dos personagens central, estava incomodado pelo desejo de fazer um clone do seu afilhado que morreu drasticamente num acidente de aviação. Portanto, o desejo de Deusa, de ter seu filho, dá a ele, a possibilidade de realizar seu sonho. E assim, ele o fez. Fertilizou o óvulo de Deusa, não com o sêmen do doador, mas com a célula do seu afilhado morto.

A criança nasceu. E Deusa estava radiante de alegria; não sabia de seu uso eticamente imoral para satisfação de um desejo do kiriarca. Aqui começam os eventos que aponta a mulher negra como ignorante. O filho foi crescendo e se desenvolvendo, mas esta mulher é incapaz de ver que aquele filho não poderia pertencer a ela. Ainda, quando as pessoas ao seu redor questionavam e desconfiavam, isso não despertou sua curiosidade ou inquietação, de tão ignorante que ela era. Seu filho era totalmente branco e ela não percebia isso. Esse papel absurdo foi representado por uma negra, porque são elas que não sabem que os filhos nascem com as feições dos pais ou dos parentes da mãe e do pai. Elas não sabem que uma mulher negra que engravida de um homem branco, terá um filho com pelo menos um pouco de sua feição racial.

Uma outra questão para refletir, em nossa sociedade ocidental, é que não clonam uma pessoa negra, pois estas são sinônimas de tudo que a sociedade não quer. Isto é, negros e negras representam o lado mal. É o lado sujo, o lado violento, o lado imoral. Isso pode ser

confirmado nas definições de nossos dicionários. São tais definições que nos leva a concluir que o padrão de ser humano é o do branco, por isso, os próprios negros não se gostam. Acabam se negando “ser o que são”, assumindo uma gama de conceitos embranquecidos, devido a toda uma gama de preconceitos, inculcado neles mesmos, portanto, as negras podem apenas servir de objeto como elas sempre foram, só que desta vez como barrigas, úteros.

A ignorância de Deusa é chocante, mesmo quando o tal doutor [Albiere] lhe explicava o caso, ela não conseguia entender, nem lembrar das perguntas e questionamentos que as pessoas, na rua, já lhe faziam quando o menino ainda era criança. Não conseguia se olhar fisicamente e nem reparar as diferenças em seu filho e, muito menos, fazer algum tipo de conexão com o que o Doutor lhe dizia e ouvia das pessoas.

A construção da novela ainda é pior, pois o papel de plena ignorância da negra Deusa também é visível em outras personagens negras da novela, tais como: a tia e a mãe da Deusa, assim como a Dalva [empregada do Leônidas].

Todas as negras da novela são ignorantes, incapazes de pensar, analisar situações, refletir; por isso, buscavam as explicações mediadas pela religião. Dalva só buscava as explicações via a religião; ela tinha uma visão de “encosto” e “encarnação” dos mortos das religiões africanas; é assim, também, que a novela deprecia a religião africana, que é tida como inferior à religião cristã. Entre as personagens, umas que constroem e organiza a vida a partir do mundo racional e científico, se contrapõem com ignorante das negras, o que mostra explicitamente a profundidade da ignorância negra, que não tem religião nem ciência.

A criança clonada, que era branca, aponta um contraste entre as duas etnias/raças. Ela é inteligente. Começou a pesquisar o caso que a envolvia, mas os “seus parentes”: a sua mãe, a sua avó e Dalva, a mãe de criação do falecido que agora estava clonado, só se apegavam aos credos religiosos. Neste sentido, nos parece que a violência não está só no campo simbólico, mas, sobretudo, no campo físico e real. O doutor [Albiere] alegrava-se e vibrava com a sua experiência científica; o pai [Leônidas], do filho clonado, reivindicava a paternidade do clone; a suposta amiga da Deusa, que deveria tentar entender a problemática e ajudá-la, só pensava na possibilidade de ter sido traída e humilhava barbaramente sua ex-amiga. A doutora Simone [que recolheu o sêmen do doador] estava tentando ficar ao lado da ética e por um instante não denunciaria o Albiere – pois vacilou muito para tomar a decisão.

O mundo é dos Homens e Brancos, sobretudo, por isso, todos querem ser brancos por serem eles o padrão da humanidade. Podemos até ser mulher, apesar da discriminação desde que, branca. Pois, como mulheres brancas ainda são consideradas melhores ou mais humanas

do que homens e mulheres negras. Sobre isto, Ella Shohat (2002) conta sua experiência enquanto refugiada nos EUA:

Sabão para lavar a sujeira da camisa. Lavar a sujeira de seu próprio corpo. Você limpa para os outros, enquanto você mesma é chamada de suja. Minha amiga No'Eema, de pele escura costumava esfregar freneticamente sua "pele suja" em um violento ritual de limpeza que nunca atingiu a camada prometida e oculta de pele branca que ela ardentemente desejava, mas que a fez sangrar de verdade. (SHOHAT, 2002, p. 110).

O sangue das negras ainda é derramado em nossa sociedade atual. Todos vêm pessoas negras a sofrer por não serem aceitas como são. Que buscam embranquecer suas almas já que o corpo é impossível. Tudo devido à ideologia racista sustentada por uma teologia que as Igrejas até aos nossos dias insistem em veicular.

O que está em jogo aqui não é só o gênero, mas, sobretudo, a raça negra, tida como inferior a todas as existentes no planeta. É assim que a telenovela apresenta as negras; o grupo patriarcal só estava a pensar neles mesmos, ninguém estava pensando na Deusa, a negra. A Deusa, na história dos grandes, não existia; ela foi apenas "o capim que sofre na briga de elefantes" como diz o provérbio popular africano. A Deusa foi um objeto usado para uma experiência científica que viria a retirar-lhe o seu sonho: "o filho" que ela gerou para o grupo patriarcal. Ainda, são as mulheres negras que têm que prestar a este serviço para a classe dominante.

Pode-se fazer uma ponte com o período colonial com os dias atuais. Se antes, as negras, amamentaram as crianças das brancas - que por causa da preservação estética não podiam alimentar seus filhos -, hoje, muitos fatores contribuem para delegar às negras o papel procriativo, tais como: o desenvolvimento científico, a liberação feminina, que dá à mulher o direito de gerar ou não filhos/filhas, o aumento da infertilidade acarretado por várias intervenções do ser humano na natureza, como bombas nucleares, remédios químicos, alimentação inadequada e, sobretudo, o exagero estético exigido, ideologicamente pela mídia, das mulheres brancas, coloca as negras como aquelas que devem parir "clones" para a classe dominante. Filhos que não as pertencem como os que elas amamentaram em outros tempos. Afinal, elas, ainda, são objetos.

São essas situações "inocentemente" apresentadas numa telenovela que devem alertar negras e negros. Deve-se, sobretudo, ficar atento com a tecnologia científica, sabendo a serviço de quem ela está. A ciência se desenvolve através dos experimentos feitos especificamente em pessoas negras, que na maior parte das vezes não conseguem adquirir o produto final; assim também poderão pleitear os úteros das negras.

Gupta (2002, p. 239) no seu texto sobre novas tecnologias reprodutivas, afirma que: “o próprio desenvolvimento das novas tecnologias reprodutivas levou a desconstrução “da mentalidade como um processo biológico unificado” a inseminação heteróloga por meio da maternidade de substituição, correlato formal de barriga de aluguel, é exemplo da dissociação entre parentalidade feminina biológica e social.

E qual papel da religião em tudo isso? O padre legitimou a situação para a Deusa: “Deus quis que uma mulher desse à luz um filho que não seria dela”. Esta foi a resposta do padre para a Deusa, uma mãe desesperada, que queria saber como era possível ter gerado um filho que não era dela. E é assim também que se fundamentou durante anos e anos as teologias e ideologias, elas literalmente estão a serviço do kiriarcado. Ela dá respostas as situações eticamente rejeitada pelas pessoas. Legitima-se em Deus até mesmo as inferioridades, as violências, as mortes. É assim que a religião do poder age. O seu papel é Afirmar e legitimar o poder estabelecido. E quando tal “poder” deprecia a pessoa negra, para não ser questionado, ele se torna “a vontade de Deus”, e ninguém pode ir contra esta vontade. Este Deus não é o Deus dos negros. Pois é um Deus que exige o “sacrifício” dos negros, por isso, é Deus dos opressores. Trata-se de um Deus egoísta, masoquista, estuprador, e cheio de posses materiais que não distribui para ninguém, é patrão, que não paga pelo trabalho, e acima de tudo, valoriza o trabalho de acordo com a cor da pessoa. Por isso, lembro uma frase do Pastor King na poesia *I have a Dream* -, onde ele diz que sonha com o dia em que seus filhos fossem julgados pelo caráter e não pela cor da pele. O sonho de King é um sonho que negros e negras sonham ainda hoje.

Mas ainda há uma parte da novela que impressiona, trata-se do triângulo vivenciado pelas personagens brancas: Albiere, Leônidas e o Padre. Estes três são símbolos de poderes da sociedade ocidental: símbolos da sabedoria, do conhecimento científico e do conhecimento teológico. Esses foram conversar com as três mulheres negras - a Deusa, a sua mãe e a sua tia. Pessoas caracterizadas como ignorantes na novela. Os três tinham a incumbência de explicar para “as ignorantes científica e religiosamente” e convencê-las de que, no mundo atual, é possível gerar uma criança sem ser biologicamente ligado aquela que gera. Mesmo que esta seja a que vai conceber, cuidar, alimentar e sentir as dores do parto. Esta cena remontou à imagem patriarcal e dominadora que perpassa nossa sociedade. Três homens que nunca sentiram a dor de parto e nunca ficaram grávidos. Queriam fazer entender três mulheres de que o filho que uma delas gerou não lhe pertencia. É possível isso? Na lógica androcêntrica é possível, afinal o mundo é dos homens! Sendo assim tudo que eles desejam eles o tornam possível.

O Julio, o Albiere, o Leônidas, o Leo e a Simone [veja que a doutora perdeu o referencial, deixou de ser profissional e se entregou à emoção, aos sentimentos e à amizade; próprio das mulheres como dizem os homens]. Representam o grupo *kiriarcas*. As mulheres negras são inferiores a eles, por isso, não detem o saber, não sabem nem mesmos aquilo que seu próprio corpo participa. São as que sentem não as que pensam. É isso que a sociedade disse da mulher negra, assim que as construiu. Deusa representa todas as mulheres negras. Seus sonhos e desejos foram interrompidos e sua vida marcada pela dor. A dor gerada pelo uso de seu espaço de identidade pessoal: o seu corpo. Um corpo que foi usado para satisfazer os desejos do homem branco, com propriedades e senhor que acha que pode se dono da vida de Deusa e, por ser seu dono, não lhe deve nenhuma explicação. Ela como negra tem a obrigação de servir as necessidades científicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de questões como estas que machucam é fazer um exercício delicado muitas vezes não considerado científico. São questões que acontecem sempre e as pessoas quase já as tomam como normais, mas não devemos nos esquecer que o que é tido como normal, também, foi construído e pode ser (des)construído. Neste sentido, estamos certas de que receberemos muitas críticas referente ao fato de a novela ser apenas uma ficção.

É bom lembrarmos que não nos esquecemos do fato de estarmos analisando uma novela. Apenas fazemos esta crítica porque acreditamos que a vida da nossa sociedade é feita em grande parte, de várias novelas e esta é mais uma dentre as muitas que formam o imaginário popular e de muitas pessoas que se dizem intelectuais.

Apenas acreditamos ser anti-embranquecimento. Tudo que deprecia ou inferioriza uma raça ou gênero nos incomoda de tal maneira que seria covardia nos calarmos. Uma grande parte da novela foi em Marrocos, um país africano e nem nos momentos das danças apareceu alguma negra de forma explícita. É como se Marrocos fosse um país só de brancos. Esta invisibilidade absurda das mulheres e pessoas negras que ocorre nos países europeus, torna-se inconcebível se dar num país africano!

Portanto, enquanto a sociedade evolui e os meios de comunicação [ideologia política] também, ainda assim, não consegue se desvincular da invenção incoerente de um não ser, não ter e não poder com relação à identidade da pessoa negra. Esta evolução que tanto se prega não consegue forçar estas estruturas na produção de uma consciência visual que não reproduz

mecanicamente de novela em novela, de hino em hino e de liturgia em liturgia a degradação da pessoa negra.

NOTA

¹No texto original, o autor fala de Bíblia. Nós a substituímos por Cristianismo porque queremos falar da religião e não da Bíblia enquanto sua regra de fé. Porque esta regra de fé é anterior ao cristianismo. Mas o cristianismo a manipula sempre que pode e quando quer. Estou querendo dizer que as pessoas fazem a religião e o texto, enquanto regra de fé, ainda que anterior à religião, pode tornar-se ao mesmo tempo resultado desta. Apesar de a Bíblia em si não ter sido resultado imediato do Cristianismo, ela é resultado de religiões israelitas que não estão necessariamente implicados na nossa discussão. Falamos isso porque não foi a Bíblia que, na celebração de abertura deste semestre, legitimou o conceito criado pela teologia cristã e ideologias políticas, de que o abismo do crime é negro “[...] olhai o Negro abismo de meu crime.” [Celebração de abertura do segundo semestre de Pós-Graduação em Ciências da Religião, em 05/09/2002], mas a Teologia Cristã.

REFERÊNCIAS

BRANCO. In: MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramento, 1998.

FRISOTTI, Heitor. Povo negro e Bíblia: retomada da história. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**. São Leopoldo, n.19, 1994,

GUPTA, Jyostna Agnihotri. Novas Formas reprodutivas: uma oferta de possibilidades contraditórias para as mulheres. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 1, 2002.

KING, Dennis A. Contribuição dos grandes pregadores negros para a hermenêutica bíblica. **RIBLA**. Petrópolis, n. 19, 1994.

NEGRA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NEGRO. In: MICHAELIS. . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SHOHAT, Ella. A vida para a América: reflexões sobre perda de cabelo e de memória. **Estudos feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 1, 2002.

SOARES, Sebastião A. Gameleira. Por ventura não valeis vós para mim tanto quanto os negros? (Am 9, 7). **Estudos bíblicos**. Petrópolis, n. 17, 1988.

Artigo recebido em 26/06/2006 e aceito para publicação em 12/03/2007.